

# ESSA MUNDANA GENTE

ANA DAVIANA

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2024

## Prólogo

Jatobá é, como tantas outras cidades, composta por espaços e indivíduos não lineares. Por ruas de paralelepípedos, estradas de asfalto e de barro, passam todos os dias pés cansados e esperançosos. Pés de quem carrega verdades duvidosas, vontades absurdas e o peso de se viver em um mundo cheio de contradições.

Uma cidade fictícia com um passado que se faz presente nos ritos, nas crenças, nos hábitos, nos vocábulos. Onde novo e velho se confundem, ou melhor, se fundem. Onde padre pode rogar praga, jovem flerta no cemitério, criança é castigada em praça pública, pai torna-se herói por um dia, menino imagina a própria morte e a alma a penar.

É o lugar cuja força da oralidade possibilita memórias preservadas, e a geração presente se encontra com as gerações anteriores nas experiências de pessoas que veem no cotidiano o elemento extraordinário de sua existência.



## Semana quase Santa

O Judas ia ser malhado no Sábado de Aleluia. Na quinta-feira, montaram o boneco. Maltrapilho, cara torta, olhos esbugalhados, semblante de quem tem dívida no cartório. E a dívida poderia ser de ordem variada: falta d'água, descaso com a população, corrupção.

Os moleques mais envolvidos da rua da Lama ficaram responsáveis pela criação do Judas. Os mesmos que pouco mais de quarenta dias atrás estavam vestidos de papangus, assombrando os transeuntes, agora cumpriam a importante tarefa de fazer justiça com as próprias mãos, executando o que, simbolicamente, seria o maior traidor de Jatobá naquele ano.

A Carlos coube arranjar as vestimentas, e dias antes da montagem foi pedir ao pai uma calça jeans e uma camisa de botão.

— Pra quê tu quer?

— Pra vestir o Judas.

— Não vai levar, não. Pode dar azar. Eu vou lá deixar vestir com minhas coisas!

— Oxe, pai! Me dê! É pra fazer a malhação. Fiquei responsável por conseguir a roupa, mas as minhas não dão certo.

— Pois pegue a pareia de peça velha que eu uso pra ir pro roçado. Tá rasgando já. Não vai fazer falta.

— Tá surrada demais, pai! Vai ficar feio.

— E o Judas não vai ser queimado, menino? Para que tá arrumado bonito?

— Ele vai ficar exposto no poste por alguns dias. Aí tem que ser apresentável, né?

— Pois não vou dar traje bom, não. Depois quem tem que arranjar dinheiro pra comprar outro não vai ser o Judas.

Carlos saiu chateado com a recusa e maquinou um jeito de arrumar o figurino. A missão dada era importante para ele seguir com prestígio entre os organizadores do evento. Não poderia faltar com essa responsabilidade.

Após o almoço, foi jogar na rua com os amigos a fim de esfriar a cabeça. Como morava no alto, entre um chute e outro, alguém corria ladeira abaixo para buscar a bola. Por isso, a partida demorava a terminar. Para completar, do lado esquerdo, ficava uma ribanceira que dava na propriedade de Seu Antônio e, vez por outra, lá se ia a bola rolando pelo terreno alheio. Enquanto um time comemorava o gol, um jogador do outro se debandava no resgate.

Chegou a vez de Carlos descer a ribanceira. Caminhando pelo sítio de Seu Antônio, viu um varal cheinho. Constatou aí a oportunidade de arranjar a farda do Judas. Sorrateiro, pegou uma camisa e uma calça social. Antes de sair, decidiu catar mais algumas coisas, para não dar na vista a intenção de levar algo específico. Logo percebeu a aproximação de gente da casa vindo na sua direção e correu para não ser visto. Cavou um buraco nas proximidades da cerca e escondeu o que furtou com a intenção de pegar à noitinha, sem ninguém por perto.

Voltava com a bola quando foi surpreendido por Júlio.

— O que tu cavava no terreno dos outros? Tá ficando doído? Seu Antônio mete bala em quem invade a propriedade dele.

— Era nada não. Só mexi na terra por brincadeira. Bora, a turma tá esperando.

— Uma parte da galera já foi. Demora da gota!

— A bola rolou longe e demorei a achar. Deixem de agonia!

O jogo retomou sem animação e não durou muito para todos decidirem ir embora. Menos Carlos, que voltou ao local do crime em busca da indumentária do Judas.

A quinta-feira da Paixão era um dos dias mais movimentados da Semana Santa. No fim da manhã, Carlos foi com uma turma pedir esmola nos sítios e vilas rurais, prática muito tradicional nesse período. Alguns não precisavam dos alimentos, iam em nome da tradição. Outros juntavam o interesse pela crença com a situação de pobreza e viam uma oportunidade única de reabastecer seus armários. Carlos ia pela comida e pela folia. Voltava ao escurecer com um saco cheio de itens, como biscoitos, frutas, fubá, doces, feijão, arroz. Fazia uma espécie de escambo, trocando itens muito repetidos com o grupo.

— Tem um povo tão pão-duro, que só dá um copo de farinha, né? Bando de morto de fome!

— Às vezes, é porque já deram a quem passou antes, Carlos.

— Mesmo assim, Júlio. Custava variar? Aquela senhora ali de perto do rio, por exemplo, com pés cheios de acerola no terreiro. Não podia oferecer isso? Pensam que só comemos farinha e arroz, é? Somos tão desgraçados que não merecemos ao menos uma fruta para um lanche?

— Tem gente que dá por obrigação mesmo, com medo de ir para o inferno.

— É o que tô dizendo. Tu viu aquela família naquela chá-cara imensa? Deu pão velho e banana quase podre.

— Tu também é muito mal-agradecido, né?

— Sou nada. Agradei com um sorrisinho e devolvi *Deus lhe dê em dobro!*

Os dois garotos se danaram a rir, carregando nas costas os donativos adquiridos e nas pernas a pressa de chegar antes do sol se pôr, pois ainda havia a montagem por fazer, e o espetáculo da Paixão de Cristo para assistir na rua da igreja.

O boneco ganhou corpo na data certa para a alegria dos que gostavam de vê-lo pagar pelos seus erros. Estendido em frente à praça da rua principal, todo ano era a atração garantida, e rendia muitas histórias sobre a política local, a carestia das coisas, as pessoas ruins, os pecadores e tudo mais que envolvesse o cotidiano jatobaense.

No Sábado de Aleluia, reunidos na pracinha jogando conversa fora, Antônio e seu filho foram avistar Judas mais de perto, quando surpresa e raiva encheram os olhos do velho.

— Aquela roupa que o Judas está vestindo é minha.

O conjunto de camisa e calça era de Seu Antônio ir para a missa no Domingo de Páscoa. Coisa nova, especial, feita pela esposa. Indignado, foi tirar satisfações com os moleques rodeando o poste, cheio de ameaças.

— Se não aparecer quem roubou, vou atrás do pai de cada um dizer que foram todos. Só sossegarei quando levarem uma surra merecida para aprender a não se meter com coisa alheia.

Os meninos, apesar de assustados, continuaram sustentando a palavra de que não sabiam quem tinha vestido o Judas, pois quando chegaram já estava pronto.

Mudando de tática, Seu Antônio foi conversar com cada um individualmente e ofereceu dinheiro para quem entregasse o delinquente. Júlio acabou cedendo à tentação e denunciou o amigo por uns trocados.

Carlos levou uma surra do pai na frente do poste, com direito à plateia, que testemunhou a malhação do menino em praça pública e colaborou com a humilhação gritando: *Ladrão! Ladrão!*

Os amigos ficaram atônitos, sem saber como reagir. Especialmente Júlio, arrependido da delação; no entanto, não havia como voltar atrás. Envergonhado, se aproximou para um pedido de desculpas, mas o código de ética de Carlos não tolerava X9.

— Melhor ser ladrão do que um traidor. No próximo ano, quem será malhado no poste vai ser tu, traíra!

Uma leve briga aconteceu entre os dois, rápida, acabou logo. Os ânimos se acalmaram e combinou-se que o momento do Judas ocorreria após a meia-noite, como mandava a tradição. Carlos, de castigo e se sentindo mais humilhado do que o boneco seria, não pôde participar.

No dia seguinte, Seu Antônio, de roupa velha, o amigo traidor, o pai agressivo e o filho ladrão foram à missa celebrar a ressurreição de Cristo e a paz na Terra entre os homens de boa vontade.



***Auroras*** é um selo da editora Penalux dedicado exclusivamente à publicação de mulheres.

**E-mail**

[auroras@editorapenalux.com.br](mailto:auroras@editorapenalux.com.br)

**Instagram**

[@seloauroras](https://www.instagram.com/seloauroras)

*Essa mundana gente,*  
escrito de mulher da  
Revolução Literária.

4ª temporada Auroras

---

***Livros iluminam***

---

Este livro foi composto em Minion Pro  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em abril de 2024.

---